

Bonfim teve influência na Revolta dos Malês

07/08/99
Cidade
Local
Sociedade
Assuntos
Bairro

O Bonfim é um bairro que tem suas peculiaridades. A principal é a lavagem da tradicional basílica, que leva milhares de baianos e turistas à Colina Sagrada, onde o religioso e o profano não estão dissociados. Mas o Bonfim não é só isso. As suas ruas guardam muitas páginas, inclusive históricas de alegria e sofrimento. O Hospital Couto Maia, em épocas passadas, por exemplo, era visto com terror pelos doentes que ficavam isolados, à espera da morte. Nas suas ladeiras e ruas apertadas, entretanto, a fé sempre esteve presente no coração do povo. Hoje em dia, a grande carência é de lazer, pois o bairro não tem cinema ou teatro e a praia fica inviável com a poluição.

Eduarda Uzêda

O bairro do Bonfim, um dos mais tradicionais da Cidade Baixa, é sempre lembrado pela festa em louvor ao Senhor do Bonfim, que no sincretismo com o culto afro-brasileiro é identificado como Oxalá. A igreja e a Colina Sagrada são conhecidas mundialmente pela lavagem, mas muita gente desconhece a importância histórica do bairro, a exemplo da ligação da festa com a Revolta dos Malês. Escravos africanos de origem mulçumana e de desenvolvida cultura, os malês não aceitavam o tratamento dado a a seu povo e a sua raça. Começam, então, a se reunir com alforriados e outros escravos, realizando um levante em 1835.

Na época, governava o Império como regente um o padre Diogo Feijó. Em janeiro, num sábado que precedia a festa do Bonfim, aconteceu a Revolta dos Malês. A professora da Universidade Católica de Salvador Maria Eleanor Lauria Machado, na publicação da Devoção do Senhor Bom Jesus do Bonfim, conta que a partir de quinta-feira que antecedia as festividades, as famílias tradicionais, incluindo o governador, se mudavam



Símbolo da cidade, a igreja é o centro da festa que comporta manifestações religiosas e alegria profana

para os arredores próximos à colina.

Os senhores levavam as mucamas e os escravos domésticos, além dos escravos de aluguel, deixando na cidade os escravos malês, que aproveitavam para intensificar as reuniões de cunho conspiratório. Em um sábado que antecedia à festa do Bonfim, ocorreu a revolta, mas a repressão foi violenta, ocorrendo aplicação sumária da pena de morte para os escravos envolvidos. Os libertos foram expulsos do país, degredados para a África ou Ásia. A intenção dos amotinados eram tomar o forte e a cidade das armas. Os do centro tomariam o palácio do governo, matariam a patrulha e iriam até o Bonfim, onde fariam um massacre. A professora acredita que em razão de os malês serem mulçumanos, os cristãos não seriam poupados.

Balneário

O bairro do Bonfim, de acordo com alguns moradores antigos, até a década de 70 abrigava a elite da cidade

Cidade Baixa. Era uma espécie de balneário para as famílias mais tradicionais. Recordam que o Bonfim, juntamente com o Monte Serrat, era servido por uma empresa de ônibus que tinha a preocupação de colocar os melhores veículos na linha porque no bairro morava o seu proprietário. Privilegiado por ter uma das mais bonitas vistas da Baía de Todos os Santos, o bairro abriga, ainda hoje, casarões antigos e belas residências e atualmente conta com uma boa infraestrutura de serviços.

Os moradores, de uma maneira

geral, adoraram morar no local, acentuando que, além de arborizado, apresenta índices reduzidos de violência. O Bonfim, que abriga dois hospitais, o Sagrada Família e o Couto Maia, também dispõe de uma marina. A grande queixa é da falta de maiores opções na área de lazer. No Bonfim, a praia que fica próxima é poluída e não há cinema nem teatro, aliás a grande reclamação dos moradores da Cidade Baixa. Até o shopping center construído recentemente terminou desativado.

Militar português iniciou a devoção

O culto ao Senhor Bom Jesus do Bonfim nasceu com a vinda do capitão-de-mar-e-guerra português Theodósio Rodrigues de Faria para a Bahia em 1740. Pela Páscoa da Ressurreição do Senhor, em 18 de abril de 1745, com grande festividade, o capitão colocou a imagem para a veneração dos fiéis na Capela de Nossa Senhora da Penha de França de Itapagipe. Em 1746 foram iniciadas as obras na Igreja do Bonfim.

No dia 24 de junho de 1754, após a conclusão das obras internas, foi trasladada a sagrada imagem da Capela da Penha para a colina do Bonfim. Estudiosos relatam que a falta de meios fáceis de transporte nos tempos primitivos da Devoção do Senhor do Bonfim forçava, até 1870, a prática dos devotos, romeiros e festeiros virem antecipadamente participar dos eventos.

E desde este tempo criou-se o costume de, na quinta-feira anterior ao domingo da festa, se fazer a lavagem da capela. O professor Jayme de Sá Menezes, em estudo sobre o Bonfim, esclarece que centenas destes tomeiros desembarcavam no Porto da Lenha (antigo Porto do Bonfim), a maioria vindo

do Recôncavo. Estes subiam a íngreme ladeira para atingir o largo. Outro tantos desses romeiros, os mais prósperos ou afidalgados, entretanto, chegavam ao sítio montados em belos corcéis de arreios de pratas e lindas selas.

Liteiras

Menezes afirma, ainda, que figuras destacadas da sociedade chegavam à colina nas liteiras e nas gôndolas, nas cadeirinhas e nas carruagens que conduziam as damas - "sinhas" - e as senhorinhas - "sinhazinhas" - ricamente vestidas, calçando custosos sapatos e, ainda, exibindo plumas e leques de requintado gosto.

Outros historiadores relatam que junto com católicos e mães-de-santo, além de membros de outras religiões, os romeiros, muitas vezes em rancho, traziam vassouras de piaçaba, potes e barris para conduzir a água para a lavagem. Essa manifestação folclórico-religiosa impressionou de tal modo, já no século XX, o escritor austríaco Stefan Zweig, que ele declarou: "Só a Bahia nos permite conhecer e compreender o Brasil".

Furto de veículos exigiu segurança

Como a cidade do Salvador, o bairro do Bonfim também é dividido em parte alta e baixa. Na parte alta, além da Basílica do Bonfim, encontram-se o largo (bem no meio deste, vale citar a existência de um chafariz, monumento vindo da Itália, todo de mármore de Carrara, colocado no local em 1863) e o Jardim Belvedere, com suas ruas onde se destacam bonitas habitações com flores nas janelas e nos muros, dando um ar romântico ao local.

No Jardim Belvedere, moradores das ruas Baden Powell, Artur Matos e Jorge Gois Mascarenhas elogiam o bairro, mas acrescentam que em razão de alguns furtos de veículos tiveram que contratar seguranças particulares. Muitas ruas estão sendo alvo de intervenção do Programa Baía Azul. A moradora Terezinha Silva, 36 anos, advogada, reclama do sistema de transporte no local, observando que perto da colina só há as linhas de Campo Grande e Santa Cruz. "Queremos mais linhas", salienta.

Na Rua Artur Matos, a funcionária pública Aidê Xavier da Silva, 50 anos, afirma que o que mais a atrai no bairro é a aparência com uma cidadezinha do interior. Ela afirma que durante a lavagem o Bonfim perde a sua tranquilidade. "Neste dia, nem saio de casa por conta da confusão". Aidê lamenta que no Bonfim, um dos cartões postais da cidade, não existam maiores opções de divertimento.

Couto Maia

O professor de História da Universidade Salvador (Unifacs) Jorge Uzêda explica que o Hospital Couto Maia, localizado no Bonfim, foi aberto em 1849 para abrigar os doentes da febre amarela. Uzêda salienta que, a partir daí, o hospital passou a ser um centro de isolamento, abrigando doentes de ciclos epidêmicos que atingiram a cidade durante todo o século XIX e 1ª República, que durou até 1930.

De acordo com o professor, a concepção de hospital, próprio da medicina urbana da época, era de controlar os meios de infecção propagados

pelos miasmas ou emanações do ar, terra e água. "Não havia uma concepção de hospital como centro de cura. Os doentes eram levados para o hospital para evitar o contágio da cidade. O isolamento, neste contexto, era sinônimo de condenação e morte e por isto muitos fugiam aterrorizados". Jorge Uzêda destacou, ainda, que em 1855, quando a cólera irrompeu na cidade, o Couto Maia foi um dos centros que abrigaram os doentes infectados.

"Um paraíso"

No Porto da Lenha e áreas próximas da parte baixa do Bonfim, os moradores só reclamam do abuso do uso de maconha pelos desocupados. Mesmo com a pobreza da área, os moradores a exemplo de Franklin Ferreira da Silva, 21 anos, que mora na Avenida Beira-Mar, afirmam que o "Bonfim é um paraíso". Os nativos e turistas que chegam ao largo, entretanto, reclamam do assédio dos vendedores de medidas do Bonfim. Alguns, na tentativa de ganhar o cliente, chegam a ser inconvenientes.

Outra queixa é em relação ao largo. Em alguns trechos o calçamento de pedras está danificado, mas esta semana funcionários da prefeitura já estavam na área realizando consertos. Aproveitando-se da presença constante de turistas, muitos mendigos são vistos em vários pontos da praça, pedindo "uma esmolinha pelo amor de Deus". Estes também assediam os que visitam a igreja, talvez a mais amada da cidade de todos os deuses e orixás.



Couto Maia atua há 150 anos na saúde pública



Praia seria uma opção de lazer do bairro se não fosse a poluição